

A maldição de Aécio



Por **PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO JR.***

O PSOL se enredou na armadilha institucional do eleitoralismo e do cretinismo parlamentar

A adesão à Frente Ampla liderada por Lula e Alckmin nas eleições de 2022 e a decisão de selar uma Federação com a Rede Sustentabilidade de Marina Silva comprometeram irremediavelmente a capacidade do PSOL de atuar como um partido que luta pelos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora. O partido que surgiu como reação à adaptação do Partido dos Trabalhadores à ordem deixou definitivamente de ser um espaço de organização da luta pelo socialismo e pela liberdade.

A indigência teórica bloqueou qualquer possibilidade de um debate crítico sobre o caráter extraordinariamente destrutivo e incontrolável do capitalismo contemporâneo e seus efeitos particularmente devastadores sobre a sociedade brasileira. A linha de menor resistência como orientação política enredou o partido na armadilha institucional do eleitoralismo e do cretinismo parlamentar.

Incapaz de ir além dos rígidos parâmetros da institucionalidade burguesa, o partido que surgiu como uma esperança de renovação da esquerda socialista, com a aspiração de evitar tanto a armadilha da cooptação às benesses da ordem como a esterilidade do sectarismo dogmático, foi progressivamente se adaptando às exigências do capital e adquirindo os cacoetes da política tradicional. A incapacidade de superar a ilusão que significa o programa democrático popular numa formação social subdesenvolvida, em franca reversão neocolonial, terminou levando o PSOL a sucumbir ao “melhorismo”. A maldição de Aécio se realizou. O PSOL acabou se transformando em mero “puxadinho do PT”.

Na hora decisiva, quando a ofensiva reacionária contra os direitos dos trabalhadores atingiu o clímax e a escalada autoritária colocou em risco a própria continuidade do Estado de direito, o PSOL falhou inapelavelmente como instrumento de elaboração, organização, mobilização e conscientização dos oprimidos e explorados. A pretexto de evitar a ameaça despótica de Bolsonaro, o partido cedeu às pressões dos donos do poder e sancionou o acordão que tem como objetivo precípua legitimar os ataques que destituíram o pouco que ainda restava de conteúdo democrático e republicano da Constituição de 1988.

Ao renunciar à possibilidade de se apresentar como alternativa política contra a ordem, o PSOL rendeu-se à miséria do possível. Ao descartar a mobilização direta dos trabalhadores como elemento central da tática, aceitou como fato consumado a correlação de forças responsável pela ofensiva avassaladora do capital sobre o trabalho.

O vazio de ideias e o silêncio das ruas fortaleceram a ofensiva reacionária. Sem enfrentar pela raiz os condicionantes estruturais da barbárie capitalista – a causa dos males que envenena a vida dos brasileiros – e sem acumular força para mudanças estruturais, é simplório imaginar a possibilidade efetiva de melhoria nas condições de vida dos trabalhadores, o fim da violência política e a reversão da devastação ambiental, seja em um governo de verniz democrático, com Lula e Alckmin, seja em um abertamente ditatorial, com Bolsonaro e os militares.

A captura do PSOL pelo Estado neoliberal fechou definitivamente o circuito político à participação da esquerda socialista. O padrão de dominação que se pretende consolidar não permite nada que vá além de uma moderada pauta de reivindicações pós-moderna. Barrados de representação parlamentar pela cláusula de barreira e marginalizados dos meios

de comunicação pelos grandes monopólios que o debate público, os partidos de esquerda que não se renderam às pressões da ordem foram, *de facto*, ainda que não *de jure*, banidos da vida política nacional. Como as classes sociais não atuam sem a mediação de agentes políticos, os trabalhadores ficaram sem instrumentos independentes para se expressar na esfera política.

Circunscrever a disputa política à miséria do possível, num contexto histórico particularmente adverso, marcado pela escalada da barbárie capitalista, é dobrar a aposta na marcha insensata dos acontecimentos. Ainda que a neutralização da oposição política ao *status quo* signifique, no curtíssimo prazo, uma importante vitória para a plutocracia que se locupleta com os grandes e pequenos negócios do padrão de acumulação liberal-periférico, trata-se, na verdade, de uma vitória de Pirro. Ao bloquear os canais de expressão das contradições reais que mobilizam a luta de classes, a burguesia aprofunda a crise estrutural de legitimidade que corroí as instituições e acirra os antagonismos sociais que impulsionam a luta de classes.

Não é o momento de evasões conciliatórias. A melancólica trajetória do PSOL e a extrema debilidade e fragmentação das organizações socialistas que não se renderam à ordem evidenciam a urgência de uma profunda e radical reorganização da esquerda revolucionária. A neutralização do potencial revolucionário das classes subalternas inviabiliza qualquer possibilidade de uma solução autenticamente democrática, de baixo para cima, para a crise civilizatória que assola a sociedade brasileira.

Na ausência de uma Frente de Esquerda Socialista, que unifique as lutas dos trabalhadores e lhe dê direção política por fora das amarras das instituições burguesas, os trabalhadores ficam sem instrumentos políticos para se contrapor à ofensiva reacionária da burguesia.

***Plínio de Arruda Sampaio Jr.** é professor aposentado do Instituto de Economia da UNICAMP e editor do site *Contrapoder*. Autor, entre outros livros, de *Entre a nação e a barbárie: dilemas do capitalismo dependente* (Vozes).